

Proposta de sequência didática com o gênero tirinha no Ensino Fundamental II

Frederico Lopes Soares Diniz¹

Resumo

Durante muito tempo, o ensino brasileiro prescindiu de metodologias e práticas efetivas para o alcance de habilidades e competências de leitura e escrita, fato que se comprova pelo mau posicionamento em rankings de avaliação de desempenho de alunos do mundo inteiro. A inclusão de gêneros no ensino após a implementação dos PCNs e da BNCC representa um avanço nas diretrizes curriculares e nas práticas de ensino que, ainda que de forma tímida, vêm melhorando os índices de leitura e interpretação dos nossos alunos. A enorme variedade de gêneros existentes constitui fonte inesgotável de possibilidades de práticas pedagógicas. Pretende-se, com este trabalho, propor uma sequência didática utilizando o gênero textual tirinhas em quadrinhos, contemplando a multimodalidade, a transversalidade temática e a interdisciplinaridade, objetivando o alcance de melhores habilidades de leitura, interpretação e argumentação crítica dos alunos. A pesquisa de gêneros fundamenta-se em Bakhtin (2016) e Maingueneau (2004), e as bases teóricas para a construção da proposta constam dos trabalhos de Schneuwly e Dolz (2011).

Palavras-chave: gênero textual, proposta didática, tirinhas.

Didactic Sequence Proposal with the Comic Genre in Middle School

Abstract

For a long time, Brazilian education has dispensed with effective methodologies and practices to achieve reading and writing skills and competences, a fact that is proven by the poor positioning in performance evaluation rankings of students from all over the world. The inclusion of genres in teaching after the implementation of PCNs and BNCC represents an advance in curricular guidelines and teaching practices that, although in a timid way, have been improving the reading and interpretation rates of our students. The enormous variety of existing genres is an inexhaustible source of possibilities for pedagogical practices. It is intended, with this work, to propose a didactic sequence using the textual genre comic strips, contemplating multimodality, thematic transversality and interdisciplinarity, aiming at achieving the students' best reading, interpretation and critical argumentation skills. This research of genres is based on Bakhtin (2016) and Maingueneau (2004), and the theoretical bases for the construction of the proposal are contained in the works of Schneuwly and Dolz (2011).

Keywords: textual genre, didactic proposal, comic strips.

Introdução

Os índices de aprendizagem dos alunos brasileiros têm sido objeto de discussão há décadas, sobretudo por apresentarem-se em desvantagem em relação a outros países em rankings que avaliam a desenvoltura de alunos em todo o globo. O debate em diferentes círculos acerca dos motivos que justifiquem essa posição engloba questões que passam pelo orçamento dedicado à Educação, a qualificação e a remuneração de professores e o currículo e a metodologia do nosso sistema de ensino.

¹ Mestrando em Linguística pela Universidade Estadual do Piauí – UESPI; Email: fredericodiniz@gmail.com.

Nesse cenário, a implementação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e, mais recentemente, da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) trouxe mudanças e adaptações no sentido de aprimorar o currículo e o sistema de ensino e melhorar o aprendizado dos alunos. Os dois documentos têm como base que os alunos tomem consciência da grande variedade de gêneros, tornem-se capazes de analisar, compreender e produzir textos conforme as diversas situações do uso da língua.

Entre muitos fatores reconhecíveis no debate sobre educação, as deficiências no ensino devem-se, notavelmente, a inadequações e falta de motivação nas metodologias, a julgar pela diferença de desempenho entre antes e depois dos PCNs e da BNCC. Levando-se isso em conta, é notável que o sucesso das práticas de leitura em sala de aula depende não só de um bom planejamento, mas também de contemplar as necessidades e os interesses dos alunos (leitores). Assim, nada parece mais razoável do que os educadores trilhem um percurso que vá além do auxílio na direção da leitura significativa, apresentando textos diversos, ocasionando situações em que o educando desenvolva apreço pela leitura, para que esta prática decorra de motivação e propicie prazer.

É pelo exposto desse cenário que se demonstra a importância do tema que será abordado neste trabalho. A prática em sala de aula utilizando gêneros de fácil circulação e fartamente disponíveis aos docentes, como é o caso das tirinhas, é, inequivocamente, uma ferramenta eficaz no alcance de notáveis resultados na visão crítica e na capacidade de compreensão de outros gêneros e como eles funcionam e se interligam. O objetivo deste trabalho é propor uma sequência de práticas didáticas utilizando o gênero tirinhas, numa perspectiva interdisciplinar, com temática transversal, que permite amplos debates em diferentes esferas do comportamento humano, intimamente conectadas com a nossa realidade, por situarem-se precisamente no nosso contexto sócio-histórico-cultural.

Para atingir nossos objetivos, apoiamos-nos nas teorias de gênero de Bakhtin e Maingueneau para cumprir o trajeto necessário à compreensão da influência dos gêneros e seu potencial nas práticas de ensino, juntamente com os estudos de Ramos (2009). A fundamentação teórica para a construção da proposta didática são os estudos de Schneuwly e Dolz (2011). Da proposta consta uma sequência de tirinhas de temática atual e transversal, para uma abordagem interdisciplinar. O gênero tirinha é neste trabalho abordado como prática de

linguagem bastante proveitosa, e merecedora de especial atenção por sua natureza composicional, estilística e temática.

Os gêneros textuais no ensino

Uma das ferramentas para trilhar esse percurso é a inclusão dos diversos gêneros textuais como mediadores na prática do ensino de leitura. A importância disto fica evidente quando contemplamos a presença marcante dos gêneros na didática preconizada pela BNCC. Os nossos livros didáticos abordam os gêneros dão ênfase nos aspectos sociocomunicativos e funcionais, numa perspectiva bakhtiniana, ou seja, a de que os gêneros são tipos relativamente estáveis de enunciado, elaborados por cada esfera de atividade humana.

Em conformidade com essa perspectiva, a inclusão dos gêneros no ensino de leitura tem como pretensão corresponder a objetivos exatos de aprendizagem, relacionados e descritos na BNCC. Atingir essas habilidades e competências é o que norteia a seleção dos gêneros a serem trabalhados, em consonância com o que propõem Schnuwly e Dolz (2011), sobre o reconhecimento do papel central dos gêneros como mediadores da estratégia de ensino.

Os livros didáticos em consonância com as preconizações da BNCC são selecionados textos orais e escritos que atendam a essas propostas levando-se em conta a relevância dos textos (falados e escritos, formais e informais), e do seu uso social, os gêneros novos, decorrentes das demandas das novas tecnologias, o interesse da faixa etária a que se destinam, a progressão proposta na obra e o capítulo em que será abordado, além de propor a sistematização dos gêneros para as práticas propostas de produção. Antes de proceder à proposta da prática, convém situar as tirinhas como gênero dotado de características próprias e peculiaridades dentro do gênero mais amplo de onde elas vêm: os quadrinhos.

O gênero quadrinhos

A representação sequencial de imagens para narrar um fato remonta à Pré-História, quando os homens primitivos já deixavam elementos comunicativos nas paredes das cavernas. Na Antiguidade, tapeçarias, vitrais e mosaicos eram utilizados com diversos propósitos, desde a narração de acontecimentos ao reforço de mitologias e crenças. A representação por imagens facilmente reconhecíveis permitia, aos pré-históricos, a propagação de ideias num momento em

que não havia linguagem falada ou escrita. Na Idade Média, garantia o alcance das narrativas ao público de pouca ou nenhuma educação formal. (FEIJÓ, 1997; VERGUEIRO, 2012 apud XAVIER, 2017).

Os quadrinhos como os conhecemos passariam a fazer parte da vida moderna a partir do seu uso na imprensa, com o advento da reprodução gráfica a facilitar a reprodução de textos com imagens. O jornalismo norte-americano utilizou-se desse expediente com o objetivo de ampliar o alcance a públicos menos letrados, imigrantes e crianças. Em pouco tempo, as publicações, antes dominicais, passariam a ocupar espaços cada vez mais frequentes. A evolução decorrente do incremento de personagens fixos, cenários e vestimentas, somados às falas em balões transformou um recurso de entretenimento de baixo custo em produto de comunicação em massa.

Hoje os quadrinhos são uma forma bem elaborada de discurso, contando com uma grande variedade de recursos estilísticos e multimodais. A sequência ordenada de imagens fornece a noção de tempo e situa o leitor no espaço da narrativa apresentada. O traçado dos balões confere não só a autoria das falas, mas fluência delas (balões interligados por um estreito, por exemplo). As emoções ou reações são representadas pelas expressões corporais e faciais dos personagens, e por mudanças nos formatos dos balões. Balões com várias arestas agudas denotam espanto ou urgência. Balões com bordas em forma de nuvem representam pensamentos. A entonação, as pausas e intermitências são marcados não só pelo uso de pontos de exclamação, reticências e travessões, mas por recursos estilísticos como o tamanho dos caracteres (um personagem que grita tem sua fala toda escrita em maiúsculo, por exemplo). Figuras com linhas sólidas marcam elementos estáticos, enquanto traços tremidos, sombras, poeiras e borrões conferem noção de movimento e/ou velocidade. Já os sons da natureza ou emitidos por objetos presentes nas histórias são reproduzidos através de onomatopeias. Assim, tem-se um recurso criativo na transmissão de narrativas completas por meio de representações simplificadas, de forma que, mesmo os menos letrados formalmente conseguem interagir através da leitura dos recursos não-textuais.

O gênero história em quadrinhos na sala de aula

Para integrar hoje os livros didáticos, as histórias em quadrinhos tiveram que superar um período de pressões, críticas e campanhas difamatórias. Gonçalo Junior (2004) assinala um

período de debates entre os anos 1950 e 1960 entre os defensores do uso dos quadrinhos na educação e aqueles que consideravam o gênero como nocivo à formação juvenil.

Psicólogos educadores mais conservadores atribuíam à leitura de quadrinhos o empobrecimento da cultura, o desestímulo à leitura, e a preguiça mental, alegando a brevidade dos textos contidos neste gênero. A mesma alegação levava pais e professores a rejeitá-los, por suporem que este gênero induzia o afastamento da literatura infantil. Filósofos alertavam que os quadrinhos poderiam constituir um veículo de ideologias ou propagandas políticas e psicólogos chegaram a afirmar que o intelecto de um leitor de gibis seria equivalente ao de uma criança de 10 anos. Tudo isso a despeito da opinião dos leitores, que consideravam os quadrinhos uma ótima maneira de divertimento e informação (FEIJÓ, 1997 apud XAVIER, 2017). O preconceito viria a diminuir após a popularização do gênero em jornais de maior prestígio (XAVIER, 2017).

No Brasil, os motivos que afastaram o gênero quadrinhos do ambiente escolar por tanto tempo começaram a ser dirimidos entre os anos 60 e 70, em decorrência dos estudos acadêmicos na abordagem desse gênero. Nos anos 90, o caminho já estaria pavimentado para um ensino que privilegiasse a diversidade de gêneros discursivos, e a multimodalidade possibilitada pelos quadrinhos ganharia um novo status de importância. O que antes enfrentava rejeição e tinha sua viabilidade questionada, passaria a ser fortemente desejável (VERGUEIRO et al., 2013 apud XAVIER, 2017).

O gênero quadrinhos aproximou-se do ambiente escolar a partir da LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - 1996), que possibilitou a sua inclusão “oficial” como prática na realidade da escola por ocasião da elaboração dos PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais - 1997), que o elegia como uma forma visual de que os alunos deveriam ter conhecimento, além de competência de leitura, de modo que, hoje, sua possibilidade de aplicação é presente em diversos níveis e disciplinas. A importância desse gênero supera seu reconhecimento como ferramenta, dando-lhe posição de linguagem, que possibilita comunicação e expressão (SILVA; TAVARES, 2017).

Observando como nossa sociedade tem se tornado cada vez mais visual, fica evidente a importância de compreender a interação palavra-imagem (Xavier, 2017). Os aspectos desse gênero que o tornam tão vantajoso no ambiente escolar são relacionados por Vergueiro (2007, apud VARGAS; MAGALHÃES, 2011):

- Os estudantes querem ler os quadrinhos;
- Palavras e imagens, juntos, ensinam de forma mais eficiente;
- Existe um alto nível de informação nos quadrinhos;
- As possibilidades de comunicação são enriquecidas devido aos variados recursos da linguagem quadrinhística;
- Os quadrinhos auxiliam no desenvolvimento do gosto pela leitura;
- Os quadrinhos enriquecem o vocabulário dos estudantes;
- O caráter elíptico da linguagem quadrinhística obriga o leitor a pensar e imaginar;
- Os quadrinhos têm um caráter globalizador;
- Os quadrinhos podem ser utilizados em qualquer nível escolar e com qualquer tema.

Vargas e Magalhães (2011) assinalam, entretanto, que os quadrinhos não fazem parte da vivência de muitas crianças, de modo que atividades que promovam leitura e produção escrita utilizando quadrinhos constituem uma possibilidade de sequências didáticas produtivas e eficientes no alcance de diversas habilidades e competências. Assim, apresenta-se aqui uma proposta que contemple essas atividades com a utilização de uma das diversas variações desse gênero: as tirinhas.

Do hipergênero quadrinhos às tirinhas

O próprio fato de haver o termo quadrinhos e o termo tirinhas nos sugere que não se tratam da mesma coisa, embora pareçam sê-lo. Ambos partilham de características composicionais, estilísticas e temáticas bastante semelhantes, e até cumprem propósitos comunicacionais semelhantes, além de serem ambos excelentes instrumentos de práticas de leitura, interpretação e produção. Deparamo-nos agora com a necessidade de esclarecer, então, que diferenças há entre esses termos.

Para o nosso entendimento sobre as tirinhas, é necessário que nos apoiemos na teoria dos gêneros. Ramos (2009) nos fornece uma base suficiente para essa compreensão, ao assinalar a importância de Bakhtin e o seu círculo de demais autores para a Linguística, haja vista terem abordado os gêneros levando em consideração tanto produções literárias como não-literárias. O conceito, hoje tão familiar aos estudiosos de Linguística, de gêneros como “tipos relativamente estáveis de enunciados” que auxiliam os diferentes processos de comunicação, constitui a base da linha bakhtiniana, que contempla a análise dos sujeitos que interagem como seres sócio-historicamente situados.

Esta “estabilidade relativa” a que Bakhtin se refere ao descrever os gêneros é, nas palavras de Faraco (2003 apud RAMOS, 2009), o reconhecimento simultâneo do caráter

histórico e do caráter impreciso de suas características e fronteiras. Ou seja, a compreensão bakhtiniana de gêneros contempla tanto a estabilidade (a repetição a recorrência) quanto a mudança (decorrente da mutabilidade, de ser ele, o gênero, moldável, adaptável, conforme a situação discursiva). Estes dois fatores em equilíbrio são o que Bakhtin chama, respectivamente, de forças centrípetas e forças centrífugas. Brandão (2001 apud RAMOS, 2009) avalia este equilíbrio como uma “tensão que leva às características de estabilidade do gênero, ameaçadas por constantes pontos de fuga, que levam a uma instabilidade genérica”, sendo daí decorrentes as características comuns aos gêneros.

Assim, observamos que, da estrutura composicional, do tema e do estilo, decorre a pluralidade de gêneros. Entretanto, há, atualmente, uma tendência das teorias de gênero a priorizar o lado cognitivo em relação aos aspectos de forma e estrutura. Marcuschi (2005 apud Ramos, 2009) é um dos autores que corroboram esta tendência, ao ressaltar a flexibilidade e a variação dos gêneros como intimamente ligadas à variação da linguagem, seu componente crucial: “assim como a língua varia, também os gêneros variam, adaptam-se, renovam-se e multiplicam-se”.

Da mesma forma, Maingueneau (2004) defende que um gênero não está limitado à organização textual, mesmo sendo este um de seus elementos. Para o autor, os gêneros resultam de atividades sociais, portanto, definem-se, pela mesma ordem de importância, pela finalidade, pelo lugar e pelo momento em que ocorrem, com o envolvimento de parceiros congruentes com a situação (o que ele nomina como parceiros, lugar e momento legítimos), não omitindo, ainda, o fator suporte onde ocorrem.

Com estes conceitos bem estabelecidos, podemos proceder à compreensão, corroborada por Ramos (2009), apoiado nos estudos de Maingueneau, de que diversos gêneros podem estar unidos sob um grande rótulo que os engloba, unidos por características utilizadas em maior ou menor grau: o hipergênero. O termo é descrito por Bonini (2003) como “os suportes de gêneros que são, ao mesmo tempo, gêneros que se compõem a partir de outros gêneros, como é o caso dos jornais, das revistas, de vários tipos de *home-pages*”.

Segundo o autor, a linguagem dos quadrinhos é utilizada por vários gêneros, havendo, inclusive, alguns que se distanciam da forma estável desse gênero, assemelhando-se mais a contos ou poemas gráficos. Aqueles que estão mais próximos dessa forma compartilham de elementos comuns, como a predominância de sequência narrativa, a predominante linguagem

gráfica (balões), os recursos estilísticos e icônicos (enquadramento, gesticulação dos personagens, utilização de ideogramas e metáforas visuais, etc.), entre outros.

Desse modo, vários modos de produção estão abrigados sob este grande rótulo de “quadrinhos”, entre as quais, podemos citar como mais conhecidas as próprias histórias em quadrinhos, as charges, os cartuns, as tirinhas e os mangás. Neste trabalho, atemo-nos ao gênero “tirinhas”, por suas características e particularidades.

O gênero “tirinhas” e sua importância no ensino

As tirinhas constituem um subgênero do hipergênero “quadrinhos”, conforme corrobora Mendonça (2005 apud BRITO; ELIAS, 2011, p. 6), que as descreve como:

“uma subdivisão das HQs; com histórias mais curtas que facilitam e agilizam a leitura dos textos, podendo ser sequenciadas com narrativas mais longas ou fechadas (um episódio por vez). A temática presente na maioria das tiras é a sátira, elas normalmente satirizam aspectos políticos e econômicos do país.”

Ramos (2009, p. 364) também aborda o tema, esclarecendo as especificidades e destacando o compartilhamento de elementos na composição dos gêneros abrigados sob o hipergênero quadrinhos, nos diferentes suportes e formatos em que aparecem:

“A temática atrelada ao humor É uma das principais características do gênero tira cômica. Mas há outras: trata-se de um texto curto (dada a restrição do formato retangular, que é fixo), construído em um ou mais quadrinhos, com presença de personagens fixos ou não, que cria uma narrativa com desfecho inesperado no final.”

O mesmo autor ressalta que a ligação desse humor com a piada faz com que esse gênero, a tirinha, seja “um híbrido de piada e quadrinhos”, razão pela qual ela é “rotulada por muitos como sendo efetivamente uma piada”.

As características do gênero tirinhas lhe conferem um potencial considerável de práticas de ensino, haja vista envolver diversas semioses, aliando texto e imagens (PAZ, 2017), sequências de diálogo bem-humoradas, personagens conhecidos ou cativantes e a capacidade de ter sua temática em caráter transversal (crítica, problemáticas sociais, por exemplo).

Além disso, as tirinhas circulam em meios midiáticos diversos, tornando-se fácil a coleta criteriosa de material adequado para diferentes níveis etários e de aprendizado, como enfatizam Monterani e Menegassi (2010, p. 227):

[...] “as tiras em quadrinhos podem ser utilizadas em sala de aula e em qualquer nível de ensino, pois são inúmeros os temas e finalidades, delineados por diferentes estilos linguísticos. Além disso, esse gênero discursivo é de fácil acesso e chama a atenção de muitos leitores de diversas idades visto que o visual e o verbal, em um jogo interativo, são ótimos recursos para que se desperte a autonomia, o lado crítico do aluno e, conseqüentemente, o domínio da Língua Portuguesa”.

Trata-se, portanto, de aliar a leitura da linguagem gráfica à oralidade e escrita, o que amplia os meios de comunicação, além de exercitar a leitura compreensiva e estimular a crítica, a análise e a síntese de mensagens.

Sequências didáticas

Schneuwly e Dolz (2011) descrevem a sequência didática como um “conjunto de atividades escolares organizadas de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito.” (p. 82). Destacam ainda a importância das sequências didáticas como uma forma de acesso a práticas de linguagem novas ou dificilmente domináveis por parte dos alunos.

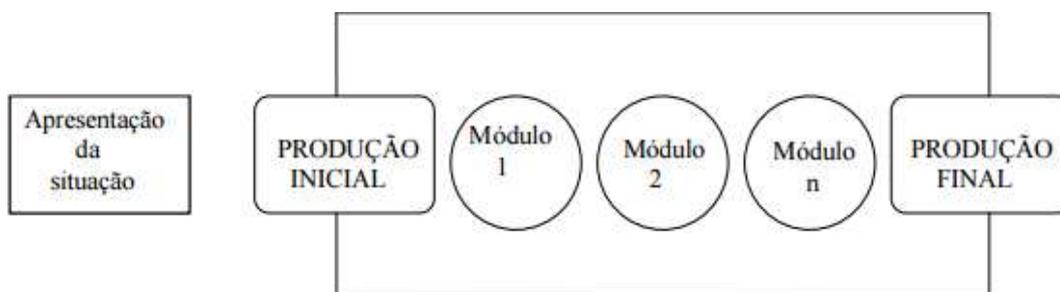
Esses e outros autores enfatizam a importância de trabalhar o ensino dos gêneros, sua diversidade, o contexto em que são produzidos, inseridos, sua circulação e seu funcionamento.

Andrade (2012) ressalta que é papel da escola garantir que o aluno seja capaz de reconhecer, produzir e apreciar diferentes gêneros nas mais diferentes esferas de atividade, e este expediente é imprescindível, uma vez que o ensino de um gênero pode possibilitar ao indivíduo o domínio de outros, em diferentes esferas comunicativas, levando-se em conta infinitude biunívoca de práticas sociais e de gêneros.

Andrade e Pimenta (2011) assinalam, assim, que trabalhar com gêneros exige do professor a capacidade de atender a demandas sociais de ensino e leitura, assim como de método que atenda à demanda de ensino da grande quantidade de gêneros que circulam na sociedade.

A estrutura básica de uma sequência didática é representada por Schneuwly e Dolz (2011) da seguinte maneira:

Fig. 1 – Esquema de Sequência Didática



Fonte: Schneuwly; Dolz, 2011.

As etapas do fazer pedagógico, ainda segundo os mesmos autores, é assim descrito:

“Após uma **apresentação da situação** na qual é descrita de maneira detalhada a tarefa de expressão oral ou escrita que os alunos deverão realizar, estes elaboram um primeiro texto inicial, oral ou escrito, que corresponde ao gênero trabalhado; é a **primeira produção**. Essa etapa permite ao professor avaliar as capacidades já adquiridas e ajustar as atividades e os exercícios previstos na sequência às possibilidades reais de uma turma. Além disso, ela define o significado de uma sequência para o aluno, isto é, as capacidades que deve desenvolver para melhor dominar o gênero de texto em questão. Os módulos, constituídos por várias atividades ou exercícios, dão-lhe os instrumentos necessários para esse domínio, pois os problemas colocados pelo gênero são trabalhados de maneira sistemática e aprofundada. No momento da **produção final**, o aluno pode pôr em prática os conhecimentos adquiridos e, com o professor, medir os progressos alcançados. A produção final serve, também, para uma avaliação de tipo somativo, que incidirá sobre aspectos trabalhados durante a sequência.” (SCHNEUWLY; DOLZ, 2011, p. 84, grifos nossos).

Na seção seguinte, segue-se a proposta didática norteada por tais preceitos e etapas, utilizando-se o gênero tirinhas.

A proposta didática

Proposta de Sequência Didática - Leitura 9º Ano do Ensino Fundamental II

Temas da sequência didática: Inclusão e diversidade, responsabilidade social

Objetivos da sequência didática:

- Apresentar boas práticas de inclusão social e respeito à diversidade, ética, responsabilidade social, comportamento;
- Trabalhar a diversidade e a inclusão, a ética e a responsabilidade no contexto escolar

extraescolar;

- Discutir, refletir e opinar sobre os temas estudados: responsabilidade social, ética, comportamento. *Conteúdos a serem trabalhados:* problemas sociais, responsabilidade social, ética, comportamento, cultura, meio-ambiente.

Tempo de execução da sequência didática: 5 aulas (módulos) de 50 minutos.

Materiais necessários: Tirinhas. Podem ser exibidas no livro didático, trazidas pelo professor (neste caso, de revistas, jornais ou outras mídias impressas) ou exibidas por ele em projetor de vídeo (neste caso, necessário computador).

Metodologia: Aulas expositivas dialogadas

- Trabalhos em dupla e/ou pequenos grupos, com discussão em sala;
- Leituras obrigatórias e complementares.

Avaliação: Contínua, diagnóstica e formativa.

Detalhamento das aulas (comum a todos os módulos aqui propostos)

Organização da turma: A turma será organizada em círculo.

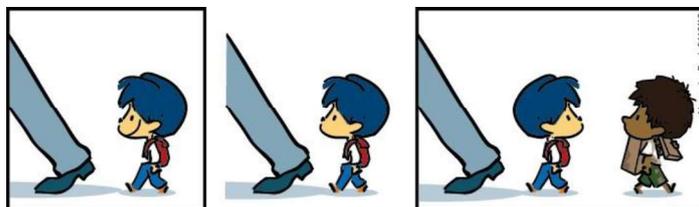
Introdução: No início da aula será apresentado o tema a ser trabalhado na sequência, com auxílio das imagens (impressas ou projetadas).

Desenvolvimento: dinâmica para compreensão do tema e diagnóstico do conhecimento prévio dos alunos. Os alunos farão a leitura das tirinhas e serão convidados a expor suas impressões: proximidade com tema (se estão cientes daquilo que a tirinha trata), concordância ou discordância, relatos sobre experiências próprias e conexão com o mundo que percebem, opinião e proposição de soluções, quando conveniente.

Ressalte-se que, em se tratando de uma proposição de atividades, os professores, naturalmente, têm autonomia para acrescentar, modificar ou omitir tanto temas como os questionamentos sugeridos, adequando-os ao seu contexto sócio-histórico-cultural. De modo que temas como política, conceito, importância e boas práticas da inclusão, respeito à diversidade, entre outros, podem e devem ser trabalhados.

Módulo 1

Fig. 2 - Tema: inclusão social



Fonte: inesc.org. Alexandre Beck, 2019.

Sugestões de reflexão e interpretação oral:

O que você entendeu fazendo a leitura dessa tirinha?

1. De que trata a tirinha?
2. Qual a ideia geral da tirinha?
3. A quem se destina a tirinha?
4. Você reconhece a realidade retratada na tirinha?
5. Analisando o último quadrinho da tirinha, que reação você acha que os personagens tiveram?
6. Você baseia-se em quê para afirmar isso?
7. Qual o objetivo dessa tirinha?
8. O que você faria ao vivenciar a mesma situação da tirinha?
9. Trata-se de um problema simples ou complexo?
10. Que soluções você acredita haver para esse problema?
11. De quem você acredita ser a responsabilidade desse problema social?

Módulo 2

Fig. 3 – Tema: comportamento



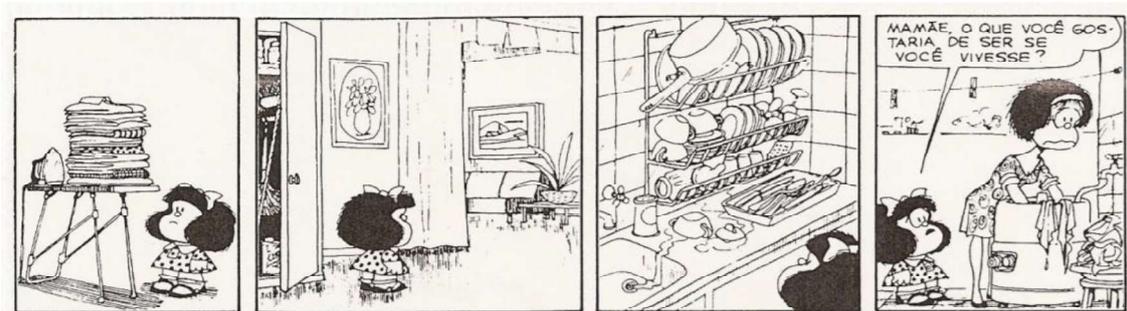
Fonte: brainly.com, 2014.

Sugestões de reflexão e interpretação oral:

1. O que você entendeu fazendo a leitura dessa tirinha?
2. Sobre qual tema você acha que a tirinha é?
3. Qual a ideia geral da tirinha?
4. A quem se destina a tirinha?
5. Como você avalia a nossa relação com as mídias sociais?
6. Você se considera dependente de mídias sociais?
7. Você participa de alguma rede social? Qual?
8. Com que frequência você utiliza redes sociais?
9. Com que propósito?
10. Que vantagens você percebe do uso de redes sociais?
11. Você reconhece algum prejuízo decorrente da atividade em redes sociais?
12. Você concorda com a atitude do personagem (pai) da tirinha? Por quê?
13. Você conhece alguém que usa excessivamente as redes sociais?
14. Caso positivo, o que você acha que essa pessoa deve fazer?
15. Como você enxerga esse problema na sociedade?
16. Qual o objetivo dessa tirinha?
17. O que você acha que pode ser feito para contornar esse problema?
18. Há responsáveis por esse problema?

Módulo 3

Fig. 4 – Tema: cultura



Fonte: QUINO. Toda a Mafalda: da primeira à última tira. São Paulo: Martins Fontes, 1993. p. 228.

Sugestões de reflexão e interpretação oral:

1. Você acha que a tirinha é algum tipo de crítica? A quê?
2. Qual a ideia geral da tirinha?
3. O significado do verbo “viver” na fala de Mafalda é literal?
4. Que recurso linguístico foi utilizado para provocar o humor da tirinha? (Explicar sobre figuras de linguagem: hipérbole, ironia, metáfora, etc.)
5. Você concorda com a situação da mãe retratada na tirinha?
6. Por quê?
7. Você reconhece esta realidade ao seu redor?
8. Você acha que há um debate sobre este tema? Onde você já viu?
9. O que você acha que pode ser feito?
10. Como você enxerga esse problema na sociedade?
11. Qual o objetivo dessa tirinha?
12. A quem se destina a tirinha?
13. O que você acha que pode ser feito para contornar esse problema?
14. Há responsáveis por esse problema? Quem?

Módulo 4

Fig. 5 – Tema: ética e comportamento



Fonte: @malvados (Twitter). André Dahmer, 2020.

Sugestões de reflexão e interpretação oral:

1. Você acha que a tirinha é algum tipo de crítica? A quê?
2. De onde vem o humor da tirinha?
3. O que você acha da conduta do personagem que queria entrar no camarim e da conduta do segurança?
4. Você já presenciou alguém tentar justificar uma atitude errada por ser quem é?
5. Por que nome esse hábito é conhecido entre os brasileiros?
6. Você acredita que haja fatores contribuintes para esse problema?
7. Que debate há sobre este tema?
8. O que você acha que pode ser feito?
9. Qual o objetivo dessa tirinha?
10. Qual o público alvo da tirinha?

Módulo 5

Fig. 6 – Tema: questões ambientais



Fonte: Mauricio de Sousa, 2000.

Sugestões de reflexão e interpretação oral:

1. Que tipo de crítica a tirinha faz?
2. Qual a relação entre progresso e desmatamento?
3. O progresso depende, necessariamente, do desmatamento? Por quê?
4. De onde vem o humor da tirinha?
5. Esta tirinha é do ano 2000. Vinte anos depois, como esta situação mudou?
6. O que você sabe da situação atual da preservação ambiental do Brasil hoje?
7. O que você acha que contribuiu para esta situação?
8. Que ações humanas você relaciona com a questão ambiental?
9. Os problemas relacionados a preservação ambiental são exclusividade do Brasil?
10. Que debate há sobre este tema?
11. Que pessoas ou interesses há em relação a preservação ambiental?
12. O que você acha que pode ser feito?
13. Qual o objetivo dessa tirinha?
14. Qual o público alvo da tirinha?
15. Quem você aponta como responsáveis pelas questões envolvendo preservação ambiental no Brasil?
16. O que pode ser feito a nível individual para contribuir para a preservação ambiental?
17. E o que pode ser feito a nível coletivo a este mesmo respeito?

Tendo já discutido as considerações teóricas de gênero, procedemos, então, à discussão da proposta didática de que trata este trabalho.

Apresenta-se aqui uma proposta didática para o 9º ano do Ensino Fundamental II, dividida em 5 (cinco) etapas, contemplando as habilidades e competências que o gênero tirinhas tem potencial de atingir/desenvolver, direcionada aos eixos de leitura, interpretação e oralidade, e amparada no modelo de etapas proposto por Schneuwly; Dolz (2011), com adaptações convenientes à exibição neste trabalho.

Para a apresentação desta proposta neste trabalho, o modelo foi adaptado de modo a reproduzir sequencialmente todos os módulos, considerando que as etapas de apresentação da situação e produção inicial são comuns a todos eles, ou seja, todos os módulos aqui

apresentados partem do mesmo esquema de: organização, introdução, desenvolvimento e produção (interpretação oral). Deste modo procedamos ao detalhamento da estrutura organizacional das aulas. As tirinhas selecionadas para cada módulo, bem como os questionamentos a serem trabalhados a partir da leitura dessas tirinhas seguiram os seguintes critérios:

- Facilidade de compreensão de elementos textuais e não textuais;
- Transversalidade temática;
- Potencial de discussão, reflexão e emissão de opinião sobre os temas.

Considerações finais

O uso de tirinhas se mostra como um precioso recurso didático por várias razões. Se, do ponto de vista da forma e estilo deste gênero, tem-se a associação de semioses diversas, majoritariamente imagem/ilustração + texto escrito, por outro, tem enorme potencial de viabilizar a transversalidade pedagógica, uma vez que possibilita a abordagem de problemas sociais e estimula o pensamento crítico acerca dos temas nelas contidos.

Por serem de fácil acesso, já que circulam em suportes diversos e populares, os professores têm condição de encontrar sempre alguma tirinha que seja razoavelmente adequada à idade dos alunos e aos objetivos de aprendizado planejados.

Visando ao desenvolvimento do pensamento crítico, e à viabilização do debate, da reflexão e da formação de opinião dos alunos, é perfeitamente possível aliar a leitura desse gênero a questões sensíveis de cunho social, como ética, responsabilidade e inclusão, o que confere a esta prática a possibilidade de um aprendizado que extrapola os limites da sala de aula, implicando valores comportamentais e culturais para a vida do cidadão formado na escola.

Referências

ANDRADE, V.A. B.; PIMENTA, V.R. *O gênero causo: uma abordagem multimodal nas aulas de língua portuguesa*. In: Anais I SIELP - Simpósio Internacional de Ensino de Língua Portuguesa. Volume 1, Número 1, Uberlândia: EDUFU, 2011. 12 p.

ANDRADE V. A. B. *Uma Proposta de Ensino do Gênero Resumo por meio das Sequências Didáticas*, Anais do SIELP. Volume 2, Número 1. Uberlândia: EDUFU, 2012. 10 p.

BAKHTIN, Mikhail. *Os gêneros do discurso*. Tradução: Paulo Bezerra. São Paulo: Editora34, 2016.

BONINI, A. *Veículo de comunicação e gênero textual: noções conflitantes*. D.E.L.T.A., v.19, n. 1, p. 65-89, 2003b. Disponível em: http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Linguagem_Discurso/article/view/263/277. Acesso em: 20 set. 2020.

BRITO, L. T. A.; ELIAS, S. S. O trabalho com o subgênero tirinha: o que se fala e o que se cala. In: *VI Semana de Letras - Linguagens e entrecosques culturais: caminhos da leitura e da escrita: um olhar plural*, 2011, Catolé do Rocha - PB. VI Semana de Letras, 2011.

FARACO, C. A. *Linguagem & diálogo: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin*. Curitiba: Criar Edições, 2003. In: RAMOS, Paulo. *Histórias em Quadrinhos: Gênero ou Hipergênero?* Estudos Linguísticos, São Paulo, 38 (3): 355-367, set.-dez. 2009. Disponível em: http://www.gel.hospedagemdesites.ws/estudoslinguisticos/volumes/38/EL_V38N3_28.pdf. Acesso em: 19 set. 2020.

GONÇALO JUNIOR. A guerra dos gibis: A formação do Mercado Editorial brasileiro e a Censura aos quadrinhos, 1933 – 64. São Paulo: Companhia da Letras, 2004. In: SANTOS, F. A. L. *O uso das histórias em quadrinhos como recurso didático-pedagógico nas aulas de história*. Anais do V ENID. Campina Grande, 2015. 11 p.

MAINGUENEAU, D. *Análise de textos de comunicação*. Trad. Cecília P. de Souza-e-Silva; Décio Rocha. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2004.

MONTERANI, N. G.; MENEGASSI, R. J. *O conteúdo temático no gênero discursivo tirasem quadrinhos*. Acta Scientiarum. Language and Culture. V. 32, n. 2, p. 225-232. 2010.

PAZ, D. A. F. *O gênero textual tirinha como ferramenta didática para o ensino de língua portuguesa nos anos finais do ensino fundamental*. 2017. Dissertação (Mestrado em Linguística e Ensino) - Universidade Federal da Paraíba. 70 p. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/12044/1/Arquivototal.pdf>. Acesso em: 20 set. 2020.

RAMOS, P. *Histórias em Quadrinhos: Gênero ou Hipergênero?* Estudos Linguísticos, São Paulo, 38 (3): p. 355-367, set.-dez. 2009. Disponível em: http://www.gel.hospedagemdesites.ws/estudoslinguisticos/volumes/38/EL_V38N3_28.pdf. Acesso em: 19 set. 2020.

SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. *Gêneros orais e escritos na escola*. Trad. e org. Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, 2011. 239 p.

SILVA, F. T.; TAVARES, R. J. C. *Histórias em Quadrinhos na Escola: uma experiência com a produção de quadrinhos no ensino médio*. In: *4as Jornadas Internacionais de Histórias em Quadrinhos*, 2017, São Paulo. Caderno de Resumos. São Paulo: Observatório de Histórias em Quadrinhos da Escola de Comunicações e Artes da USP, 2017. p. 28-28.

VARGAS, S. L.; MAGALHÃES, L. M. O gênero tirinhas: uma proposta de sequência didática. Educ. foco, Juiz de Fora, v. 16, n. 1, p. 119-143, mar. / ago. 2011. Disponível em: <http://www.ufjf.br/revistaedufoco/files/2012/08/Texto-05.pdf>. Acesso em: 16 set. 2020.

VERGUEIRO, W. (Org.); RAMOS, P; CHINEN, N. *Os pioneiros no estudo de quadrinhos no Brasil*. 1 ed. São Paulo: Criativo, 2013.

VERGUEIRO, W. (Org.) Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula. São Paulo: Contexto, 2007. In: VARGAS, S. L; MAGALHÃES, L. M. *O gênero tirinhas: uma proposta de sequência didática*. Educ. foco, Juiz de Fora, v. 16, n. 1, p. 119-143, mar. / ago. 2011. Disponível em: <http://www.ufjf.br/revistaedufoco/files/2012/08/Texto-05.pdf>. Acesso em: 18 set. 2020.

XAVIER, G. K. R. S. *Histórias em quadrinhos: panorama histórico, características e verbo-visualidade*. Rev. Eletrônica Darandina, UFJF, Vol. 10, n. 2. 2017. 20 p. Disponível em: <http://www.ufjf.br/darandina/files/2018/01/Artigo-Glayci-Xavier.pdf>. Acesso em: 16 set. 2020.

Recebido em: 25 set. 2022

Aceito em: 18 maio 2023